

Fisiologismo desgasta base no Congresso

A base de sustentação política do Governo sofreu um grande processo de deterioração, agravado pelos conflitos de interesses e as divergências ideológicas que o pacote econômico suscitou entre expressivas facções de correligionários do Palácio do Planalto. A insatisfação com o desempenho do Governo alastrou-se, atingindo o PFL, o PDS, o PTB e até o minúsculo PDC.

O líder do Governo na Câmara dos Deputados, Humberto Souto, conta com a aprovação das Medidas Provisórias 294 e 295, na próxima semana, acreditando que terão o apoio, ainda que informal, do PMDB e do PSDB, além dos integrantes dos partidos que dão sustentação a Collor. Souto crê que ninguém está interessado no caos e que aqueles dois partidos (PMDB e PSDB) e os governadores acabarão levando a maioria a aprovar o novo pacote.

Parece evidente que grande parte da insatisfação que lavra no PFL, PDS, PTB e



Souto: nada de caos

PDC tem razões fisiológicas. Mas, há muitos parlamentares ressentidos com o que consideram um tratamento desprimoroso do Governo para com os seus correligionários, que não são chamados a opinar sobre nenhuma decisão importante que esteja sendo preparada.

As notícias, mais do que os rumores, de que o presidente da República teria feito comentários nada lisonjeiros sobre muitos parlamentares do PFL, PDS e outros partidos que o apóiam criou feridas e ressentimentos. A boca pequena, os líderes desses partidos não disfarçam o descontentamento com o Governo. De todos eles, sem dúvida, o do PDS, deputado Victor Faccioni, é o que tem

se empenhado mais a fundo para evitar que seu partido rompa com o Governo.

No PDS, como no PFL, no PTB, PRN e PDC há queixas de que o Governo não atende os pedidos de seus correligionários e não preenche cargos de acordo com indicações políticas. Mas, o próprio Faccioni reconhece a procedência de muitas reclamações de seus liderados quanto à entrega de importantes posições federais nos estados a adversários do Governo.

Esta foi a razão do namoro, até agora mal-sucedido, que o próprio Presidente tentou, em diversas oportunidades, estabelecer com o PSDB. No fundo, o Governo sabe que a parcela mais expressiva de seus correligionários é constituída de políticos conservadores, que têm posição ideológica frequentemente contrária à sua filosofia e não apreciam o desamor do Presidente e seus principais auxiliares em relação à velha política da troca de apoio por favores oficiais.

Na semana passada, eram insistentes os rumores no Congresso de que o Governo estimulava abertamente divisões no PTB, PFL e PDC. A crise eclodiu escandalosamente no PTB quando se re-

velou a existência de um documento com as assinaturas de 21 dos 38 deputados da bancada pedindo a destituição do líder Gastone Righi e sua imediata substituição pelo deputado Maurício Calixto, de Roraima, amigo do presidente da República.

A reunião da bancada, realizada às 11h de quarta-feira passada, quase degenera em conflito generalizado. Por pouco evitou-se o desfecho, ou seja, a derrubada de Righi. Nesse ínterim, entrou em cena o pessoal do deixa disso inclusive o líder governista Humberto Souto, interessado, naturalmente, em contar com os 38 deputados do PTB e não apenas com uma de suas duas partes.

Muitos se perguntam qual o interesse do Governo em fomentar divisões internas nos partidos que lhe oferecem respaldo político no Congresso, ainda mais às vésperas de uma votação que assume importância fundamental para os destinos de seu programa econômico. Em sã consciência, é preferível não acreditar que tais rumores tenham fundamento. Agora, é o próprio Humberto Souto que reconhece não ter o Governo maioria no Congresso. "Mas, os nossos adversários também não a têm," consola-se.